

Porquê?

Francamente, por mais que para-
fizemos na imaginação, não há ma-
neira de descobrirmos que métodos
de defesa está o governo pondo em
prática para dirigir os seus ataques
principalmente contra nós. Primei-
ro, após um movimento revolucio-
nário das direitas, foi contra ele-
mentos operários que dirigiu toda a
indignação e desejos de vingança,
deportando sem julgamento quan-
tos se lhe afiguraram fazer parte da
chamada Legião Vermelha. Depois,
fazendo uma censura constante ao
nosso jornal, mas uma censura atri-
buiária, incompreensível como os
nossos leitores vão ter a ocasião de
apreciar.

Foi o caso de que *A Batalha* pre-
tende publicar ontem um suple-
mento. Nesse suplemento dava-se
conta do protesto que a Confedera-
ção Geral do Trabalho fez junto do
presidente do ministério sobre as
deportações de vários operários úl-
timamente detidos. Não dizia nada
mais. Pois este suplemento foi apre-
endido e impedido de circular. Tão
estranho isto nos pareceu que qui-
semos averiguar da própria polícia
as razões do facto, tanto mais que
nos constava que se tratava apenas
duma ordem emanada da esquadra
das Mercês. Do governo civil infor-
maram-nos, porém, que a apreên-
são e proibição de o jornal circular
era para que o mesmo não publi-
casse a notícia duma greve.

Agora passem. No nosso suple-
mento não se escrevera uma única
palavra sobre qualquer greve, nem
grande nem pequena. E, a menos
que as letras impressas tivessem o
dom de se transformar já nas mãos
dos leitores, caso que a polícia ar-
guta quis impedir, não percebemos
que para evitar a vulgarização duma
notícia se apreenda um jornal que
não dá essa notícia!

Isto mostra bem a desorientação
deste governo, a sua falta de tacto
fazendo uma pressão inútil sobre a
imprensa, apenas pelo que essa im-
prensa poderia ter publicado ou ter
o desejo de publicar!

Curioso é constatar ainda estes
dois factos: Primeiro, ser um crime
de lesa-Repubblica publicar-se a
notícia duma greve, que é um acto
permitido pela lei. Segundo, termos
sido informados pela autoridade a
cargo de quem está a ordem públi-
ca de que ao cessar a suspensão de
garantias, acabava a censura à im-
prensa e verificava-se afinal que essa
censura continua.

Não poderá ao menos o governo
prevenir-nos dos dias em que está
de mau humor contra nós, para não
perdermos tempo a escrever nesses
dias o jornal? Se isso fosse ao me-
nos periódico, às terças e sextas,
por exemplo, que são dias aziaços,
já nós tínhamos uma maneira de
nos orientarmos, percebíamos que
era por ser terça-feira ou sexta-feira
que o jornal era apreendido. Mas
assim, é uma atropaliação diabólica:
a apreensão surge mais inesperada-
mente que uma trovada, tem um
aspecto catastrófico que nenhum de
nós pode prever. E' que para tudo
é preciso saber; até para esta figura
de Pina Manique que o chefe do
governo quer desempenhar.

A guerra de Marrocos

Segundo parece...

PARIS, 1.—Segundo notícias recebidas
de Madrid, e preventivas da zona fran-
cesa, os rebeldes sofreram uma importante
derrota, na qual o irmão do chefe rifenho
teria ficado gravemente ferido.

O inimigo teria sofrido perdas que se
elevaram acerca de 800 homens, entre os
quais 17 caídos, mortos ou feridos.—(L.)

**As tropas francesas estão to-
mando fôlego**

RABAT, 1.—O movimento militar ao
longo da linha de operações demonstra que
as tropas francesas vão entrar numa nova
fase de actividade.

Os constantes reforços vão sendo agru-
pados por sectores, devendo ser emprega-
dos num movimento ofensivo de grande
envergadura, que terá por fim a recupera-
ção dos postos avançados que ultimamente
foram abandonados por iníteis em conse-
quência da posição das forças em opera-
ções.

Durante este período, as unidades que há
um mês se encontram em serviço serão
dado algum repouso, enquanto outros gru-
pos militares estabelecerão uma vigilante
guarda em toda a linha da fronteira, com o
fim de fazer face a qualquer nova tentativa
de agressão da parte dos rifenhos, cuja
eventualidade é sempre possível, pois con-
tinuam a desenvolver uma grande activi-
dade.—(L.)

O SUPLEMENTO DE "A BATALHA"

Notas & Comentários

A fingir!

Há dias, ainda, o Correio da Manhã,
cheio de furor, batia desalmadamente nos
bispos e chamava-lhes nomes feios—feis-
mos para a mageste religiosa dum bispo.

Pois desapareceu o mau humor. Alegre,
feliz radiante, aquela folha monárquica em-
bandeirou em arco, fazendo estralar os
foguetes do seu entusiasmo por os ex-reis
de Portugal terem sido recebidos pelo Papa.

Estando o Correio de Manhã assim tão
alegre como as suas colunas o patentearam?
Não. Tudo aquilo é a fingir: o seu riso, a
sua alegria, o seu entusiasmo não são sín-
ceros—são políticos. Trata-se de dar a per-
ceber aos monárquicos que a igreja está
com a restauração da monarquia, o que é
uma soleníssima peca. A igreja que
governar todos os países não querendo sa-
ber para nada dos regimes que neles im-
peram. Quere substituir a todos para ser ela
só a governar, prosseguindo assim o velho
sonho dos Césares—Roma, capital do
mundo.

Os «milagres» de Lourdes

A peregrinação em Roma esteve duas
vezes em Lourdes: uma quando iam para a
«cidade eterna» e outra no regresso a Lis-
boa. No regresso ficaram em Lourdes dois
peregrinos. Retidos por místico fervor,
com a alma presa a influência que daquele
lugar emana para os fiéis? Nada disso.

Não foi à alma que lhes fez perder o con-
vívio mas desagradáveis achacões físicos.
Adeceram gravemente. E ficaram por lá
até serem curados pelo médico para depois
as Novidades insinuarem que foram as
maravilhosas águas de Lourdes que os sal-
varam.

Seria interessante que as Novidades in-
sinuassem que a grave doença que os dei-
xou pelo caminho foi um «milagre» de
Lourdes, para o acrescentarmos aos «mila-
gres» dos combóios que descarrilam e ma-
tam por vontade de Deus, os peregrinos que
neles transitam.

Apareceu o bebé

Já se sabe do paradeiro do menino Car-
los de Oliveira, elemento activo das «forças
vivas», que um agente libidinoso raptara
há dias duma esquadra onde se encontrava
sob prisão. Foram ambos presos em Espan-
ha, Valencia de Alcántara, pela polícia de
emigração. O bebé parece que se encontra
bem de saúde e bem disposto visto que o
agente Gonçalves, ao que parece, não tivera
tido ainda ocasião de abusar da sua inocên-
cia...

Uma crueldade

Como outro local publicamos, Manuel
Ramos, que os tribunais de Coimbra in-
justamente condenaram há tempos a uma
pena brutal, embarcou ontem para a África
no vapor Angola. Aguardava-o a sua che-
gada de Coimbra, na estação do Rossio,
sua mãe, uma velhinha que punha todo o
seu empenho em despedir-se do filho. As
autoridades, porém, num desprezo enorme
pela dor da pobre mãe, desembarcaram Manuel
Ramos clandestinamente em Braço de
Prata e levaram-no para bordo do Angola
sem lhe facultarem despedir-se das pessoas
de sua família.

Dois livros

Todos os dias se publicam livros, muitos
livros. Uns de versos de meninas ricas,
outros de ridículas masturbações literárias
de garotos de dezito anos—todos muito
reclamados nos jornais chics e recomenda-
dos pelos críticos da moda. Poucos são po-
rém, os livros que representam um esforço
útil e merecedor de atenção como dois que
pousam neste momento sobre a nossa banca
de trabalho: «A revolução em Portugal» de
Campos Lima, edição «Spartacus», e «A
Educação moral das crianças na família»
de Benoit Bouché, traduzido por Emilio
Costa.

A falta de água

e a atitude duma
repelente burguesia

Em Campolide na calçada dos Mestres—
Olival, todos os moradores se encontram
aterorisados com a chegada do verão, pois
aquele é um dos muitos sítios de Lisboa
onde não há nem uma gota de água. A Com-
panhia, não sabemos porque razão, nunca
se deu ao trabalho de mandar pôr as ne-
cessárias canalizações e a Câmara, para não
desmentir a regra já acente de desleixo e
desorganização, também não se tem intere-
sado como o caso.

Eis pois como milhares de habitantes se
vêm, numa parte da cidade de Lisboa,
sem uma pinga de água para as suas ne-
cessidades, por incuria de quem compete ve-
lar pela sua saúde, higiene e segurança.

No entanto, os moradores da calçada dos
Mestres, em Campolide, teriam talvez
prescindido dos «favores» da Companhia e
da Câmara, se uma proprietária de vários
predios do sítio, que tem a dita de possuir
um poço no seu quintal, permitisse como
era humano e justo, que quem tivesse ne-
cessidade, lá fosse buscar (pagando já se
sabe) os poucos litros de água de que ne-
cessitassem.

Mas a feroz megera é que dão está pelos
ajustes e nem mesmo depois de um grande
número de moradores lhe terem rogado que
lhes vendesse a água necessária, nem mes-
mo assim teve um movimento de boa alma.

Quere dizer, há apenas um reduzido nú-
mero de «protegidos», que a tróca de al-
guns escudos lá podem ir buscar a água
necessária, mas com a condição de não da-
rem a ninguém uma gota que seja.

Esta antipática bruxa é de tal força, que
nos predios de que é proprietária, aluga
três pequenas casinhas por 180 escudos!

Como é muito provável que a calçada dos
Mestres só tenha água lá para as ca-
lendas gregas, aconselhámos os moradores
do sítio a que, na contingência de morrerem
à sede e de nunca mais se lavarem, não se
importem com os desejos da asquerosa
proprietária e vão buscar a água necessária
onde ela está, sem se importarem com os
rugidos da velha avara.

UM PROTESTO da Confederação Geral do Trabalho

contra as deportações e um susto do governo
As perseguições continuam, tendo-se
efectuado mais prisões

A opinião do governo é indiscutível. O
que ele faz é muito bem feito. Quem se
atrever a discordar dos seus erros incorre
num delito de lesa-democracia... *A Bata-
lha*, como noutro local dizemos, publicou
ontem à tarde um suplemento no qual no-
ticiava que a Confederação Geral de Tra-
balho fôra junto do presidente do ministé-
rio entregar um protesto contra as depor-
tações.

As autoridades lançaram-se furiosamente
sobre o nosso jornal. Porquê? Não sabe-
mos bem. As autoridades também não sa-
bem com precisão o motivo porque apreên-
deram o órgão operário. Do governo civil
disseram-nos que era por causa da notícia
da greve. Mas qual greve? *A Batalha* não
publicava notícia alguma de greves. Con-
cluimos, portanto, que fôra motivada por
simples receio do governo.

A referência que as autoridades fizeram
a uma greve, fez-nos compreender que o
governo receia um movimento de protesto
do operariado. Tendo a consciência do cri-
me que praticou, deportando operários
sem julgamento, e sabendo que muitas ve-
zes o operariado exterioriza o seu protesto
contra as grandes injustiças por meio da
greve geral, o governo calculou que um
número extraordinário de *A Batalha*, pu-
blicado numa segunda-feira à tarde, não te-
ria outra missão senão a de declarar uma
greve geral. Ora, quem se guia por simples
suposições freqüentemente se engana. Tal-
vez por isso o governo se engane tanta vez.

E agora, como quasi sempre, o governo
enganou-se. *A Batalha* não se publicou

Foi ontem preso, no Largo das Duas
Egrejas, o operário fabricante de calçado
Manuel de Deus Correia, pelo tremendo
delito de ler *A Batalha*...

Conduzido ao Governo Civil, foi posto
em liberdade uma hora depois, juntamente
com um outro indivíduo que já ali se en-
contrava desde manhã pelo mesmo motivo.

Recebemos de António Baumanos uma
indignada carta da qual recordamos os pe-
ríodos que sequeem:

«Compreende-se, até certo ponto, que as
autoridades encaminhassem as investiga-
ções de maneira a descobrir os verdadei-
ros autores dum gesto menos reflectido.

Mas o que não está certo, é que pelo
simples facto de quebregar a este delicto
de repressão, sejam arbitariamente depor-
tados, sem julgamento formado, dezenas de
operários, quando por factos mais graves
os verdadeiros mentores do descrédito na-
cional e da desorganização social gozem
traquilemente da impunidade»

Foi ontem preso, de manhã, quando saía
de sua casa, Egídio Correia, operário meta-
lúrgico, encontrando-se no calabouço n.º 6
do governo civil.

Os «grandes criminosos»

Na proverbial malsinação do operariado,
O Século inventou um cadastro para cada
um dos presos acusados de «legionários». O
fim é bem claro e por nós já suficiente-
mente revelado.

Há dias, a propósito da prisão do opo-
rário João Nunes Carreira, mentia sem re-
buço, afirmando que o preso tinha um largo
cadastro incluindo a prisão por furto.

Para desfazer aquela torpe atoarda fomos
ontem procurados pela companhia da-
quele operário que nos garantiu ser falsa a
insinuação do órgão das «forças vivas»,
pois seu marido nunca esteve preso por
aquele delicto.

E ainda há quem confie no pasquim!

O que diz a imprensa

Sobre Raúl Honório transcrevemos do
jornal *O Mundo* o que segue, sem lhe acre-
centarmos uma única palavra:

«Raúl Honório é aquele rapaz que, pouco
mais ou menos há dois anos, matou a tiro
na rua do Bemfiteiro o agente Araújo,
da polícia de investigação criminal ao ser-
viço da P. S. E. crime esse pelo qual res-
pondeu, tendo sido condenado à prisão so-
lida, talvez devido à sua pouca idade ter
impressionado o tribunal, pois contava en-
tão apenas dezasseis anos. Incluído no rol
dos indesejáveis foi agora deportado para
a Guiné, juntamente com os bombistas que
na ilha de São Tiago, em Cabo Verde, vão
esperar julgamento. Do seu pai, João Evan-
gelista Honório, velho republicano, cuja dor
avaliámos, recebemos a seguinte carta:

Sr. redactor:—O abaixo assinado vem
muito respeitosamente pedir ao jornal *O
Mundo*, velho defensor de todos os humi-
des republicanos, para lavar por seu in-
termeio o seu protesto contra a injusta
deportação do seu filho menor Raúl Honó-
rio, enviado na última leva de legionários
para as nossas possessões. Não resta infe-
lizmente a menor dúvida que seu filho pra-
ticou um acto deveras condenável, mas é
certo também que foi julgado e condenado
por esse delicto; e expiada a pena e regres-
sando a casa seu filho não mais pensou se-
não em trabalhar e o resto do tempo que
dispunha era só para sair com a família, o
que posso testemunhar. Por isso fiquei de-
veras surpreso quando alta noite o vieram
buscar a casa e mais ainda como o seu des-
tino. Com certeza que as entidades que
resolveram que fosse também na leva não
tiveram conhecimento da conduta que meu
filho tomou enquanto gozou a curta liber-
dade. Agradecendo esta exposição de ver-

ontem para declarar uma greve geral. O
operariado não necessita do seu jornal para
paralisar o trabalho—sua resolução para
isso basta. Antes de existir *A Batalha* já
se faziam greves gerais. Andou mal, pois,
o governo apreendendo esta gazeta para
impedir uma suposta greve.

O operariado saberá ir para a greve
quando lhe apetece. Não é *A Batalha* que
ordena as greves nas suas colunas. Quem
determina as greves são os factos, os fa-
ctos apenas. Se os factos fôrem suficiente-
mente fortes e eloquentes para levar o po-
vo trabalhador a uma greve—ele irá. E o
governo perderá o seu tempo com as
apreensões iníquas que manda fazer contra
este jornal.

Como dizíamos, *A Batalha* limitou-se
apenas a noticiar que a Confederação Ge-
ral do Trabalho entregava ao presidente do
Ministério um protesto contra as deporta-
ções.

Nesse protesto fazia-se alusão a todos os
acontecimentos que ultimamente se tem
produzido, condenando-se com energia as
perseguições iníquas, as agressões a presos,
a morte dum preso e por fim, as deporta-
ções que são o crime mais grave que uma
república que tem o vivo do operariado
contra o operariado tem praticado.

E pedia-se no mesmo número de *A Bata-
lha*, não a greve geral que o governo tanto
receava, mas o apoio de todo o povo tra-
balhador a esse protesto que representava
uma atitude de nobreza perante uma atitude
de baixa e desumana especulação governa-
mental.

dade e protesto, fica sumamente reconhe-
cido o antigo republicano (a) João Evan-
gelista Honório.

—O *Diário de Notícias* de ontem publi-
cava uma pequena local sobre Diamantino
António Faria que há dias, por razões que
expuzemos, foi atacado de loucura sendo
conduzido ao Manicómio Miguel Bombarda.
Nessa local informava-se que a mãe da-
quele operário fôra lá demonstrar que seu
filho nunca pertenceu à chamada «Legião
Vermelha» e que exercia no Arsenal de
Marinha, com regularidade, a sua profissão
de serralleiro mecânico.

As famílias dos deportados

Uma comissão de famílias dos deporta-
dos convide todas as pessoas que tenham
parentes atingidos por esta iníqua medida,
a comparecerem hoje, cerca das 12 horas,
na sede da Construção Civil, Calçada do
Combro, 38, A, 2.º.

Essa comissão conta realizar hoje uma
«démarche» junto do governo para recla-
mar o regresso à metrópole dos operários
que foram deportados sem julgamento pré-
vio.

Nem este escapou...

A polícia prossegue na sua obra de ex-
terminio. As prisões sucedem-se sem pla-
neável justificação.

Ontem, quando saía da escola Araújo
Pereira o aluno Carlos Silva, quatro es-
birros que o esperavam deram-lhe voz de
prisão. Conduzido para o governo civil ali-
cou a expiar um crime que a polícia há
de inventar.

Apostamos dobrado contra singelo que
alguns jornais noticiam hoje a prisão deste
honesto operário como a de um «legiona-
rio»...

Será possível?

No dia 17 do passado mês, quando pas-
sava pela rua da Palma a polícia prendeu o
operário carpinteiro Artur Lopes, que tra-
balha nas obras do Manicómio Miguel Bom-
barda.

A família aflita desde esse dia que vem
procurando conhecer o seu paradeiro, in-
quirindo nas esquadras, governo civil e
hospital, sem que lhe seja explicado o des-
tino do seu parente.

Dar-se há o caso de Artur Lopes ser
mais uma vítima a registar na lista dos
«suicidas»?

De afogadilho

O funeral de Diamantino da Assunção,
que foi assassinado pela polícia na avenida
Almirante Reis, ferido com um tiro «no
peito» quando pretendia fugir, segundo ex-
plicou a polícia, deve ter saído às 6 horas
da manhã de hoje, da Morgue para o ce-
mitério da Ajuda.

Essa hora morta foi indicada por uma
qualquer autoridade a fim de evitar aglo-
merações junto do cadáver.

Segundo nos consta o corpo de Diaman-
tino da Assunção está espicado.

Federação das Juventudes Comunistas

A Federação das Juventudes Comunistas
convide a mocidade comunista de Lisboa a
encorpar-se no funeral do operário
Diamantino da Assunção assassinado a tiro
pela polícia, manifestando assim a sua re-
pulsão por tão covarde assassinato.

Federação dos Operários da Construção Civil

O Conselho Federal desta Federação,
reunido especialmente para se ocupar das
deportações e perseguições de operários
levadas a efeito pelo actual governo, resol-
veu mais uma vez lançar o seu protesto.
Apelando para a nossa desmentido espírito
libertário dos operários da C. C. Civil, exor-
ta-os a secundarem qualquer movimento de
protesto mais enérgico que a C. G. T. ou

O sonho dos Césares

Roma, capital do mun-
do, com pretensões
a um domínio uni-
versal pelo facismo

Roma tem sido o foco donde têm irra-
diado ideias que avassalaram o mundo. Foi
sob o império dos Césares que se criou
uma unidade mundial. Foi na antiga capi-
tal do Latium que o universo católico criou o
Papado em plena Idade Média. Agora sob
o império de Mussolini, o fascismo depois
de ter nascido nas ruínas do Coliseu pro-
cura estender os seus tentáculos pelo mun-
do fora e avassalá-lo, como César—outro
ditador—já o fizera alguns anos antes da
era cristã.

Pelo menos é o que se depreende do
que, no mês de Fevereiro pouco mais ou
menos, se anunciava em todos os círculos
políticos da velha cidade latina! Procla-
mava-se aos quatro ventos que estava na
forja um projecto grandioso, único, formi-
dável, e que consistia nada menos do que
em «transformar o mundo político e reno-
var a política universal».

Essa obra extraordinária e assombrosa,
foi inspirada por um homem que, desse dia
em diante, devia ser universalmente conhe-
cido. Esse génio chama-se Bastiani...

Infelizmente a discussão desse projecto
grandioso não pôde ser levada até ao fim,
porque César Mussolini, o ditador estu-
pendo, o curandeiro milagroso, impossibili-
tado por doença, não pôde assistir às
sessões.

Foi pena! Devia ser verdadeiramente in-
teressante saber sob que forma o facismo
italiano «renovaria a política internacional»
sem cair no ridículo. Os leitores estão ven-
do o extranho absurdo: um facismo inter-
nacional! Uma Internacional Fascista se-
ria na verdade um «desideratum» bem de-
sopilante...

Só quem não sabe que a pedra principal
sobre a qual assenta o facismo, é a exalta-
ção do abominável e monstruoso senti-
mento nacionalista, poderá conservar a sua
seriedade perante uma tal ideia. Ninguém
ignora que toda e qualquer doutrina ou ten-
dência, cuja teoria saia fora dos estreitos
limites do nacionalismo, está em guerra
aberta com o facismo. Os piores, os mais
temerosos inimigos dos sectários de Mus-
solini, são os internacionalistas, aqueles que
defendem as ideias de solidariedade e de
fraternidade universal e que, portanto, de
maneira nenhuma podem admitir um dogma
nacional que é a base-origem da degradante
teoria dos «fascios».

Como se compreende pois que um «gé-
nio», embora ele se chame Bastiani, conce-
besse a ideia de ir buscar uma concordân-
cia entre a «Internacionalização» e a «Na-
cionalização», simpatisando com um desejo
de solidariedade, e indo abolir as fronteiras,
para criar o «Fascismo Internacional»?

Onde chega o delírio fascista, o velho so-
nho cesarista duma Roma capital do
mundo.

Parece que o espalhato e dementado
romano chegou a expor a sua ideia em pú-
blico, defendendo a necessidade de aper-
feiçoar os agrupamentos fascistas no es-
trangeiro, coordená-los de maneira a for-
mar uma «barreira única contra a cam-
panha anti-fascista dos partidos democráticos
e da maçonaria» — segundo reza o con-
servadoríssimo *Popolo de Italia*.

Desconhecemos os argumentos de que
Bastiani se servia para defender o seu pro-
jecto e é para lamentar, pois as notícias que
temos sobre o caso proveem-nos sim-
plemente dos artigos que os jornais italianos
dedicaram ao caso e de um ou dois admi-
ráveis folhetos cheios duma lógica impla-
cável em que os extremistas ridicularizam
o magnus Bastiani.

No entanto os poucos elementos que
possuímos bastam para ajuizarmos da mais
burlesca ideia do mais burlesco dos cida-
dãos... de Roma.

Sabemos por exemplo que os fascistas se
dividiram em dois campos e que as polém-
icas e os ataques, de parte a parte, foram
numerosos e violentos.

Mussolini vendo que a ideia de Bastiani
era um motivo de discordia que urgia anu-
lar custasse o que custasse, resolveu inter-
vir pessoalmente no assunto.

«É certo que a ideia fascista — dizia o di-
tador — passou a fronteira e se infiltrou na
alma dos outros países; mas «esses chama-
dos partidos fascistas», ainda não estabele-
ceram programas nem definiram objecti-
vos. Quando o fruto estiver maduro, será
a ocasião de o colher».

«A iniciativa feliz de Bastiani» não deve
ser posta em prática imediatamente, pois
isso seria imprudente...»

E' pena! No fim de tudo não deixaria de
ser interessante, ver quais seriam os resul-
tados de uma tal ideia. A «Internacional de
Roma» talvez conseguisse o que, os seus
inimigos ainda não puderam alcançar: a
destruição do facismo!

Câmara Sindical de Trabalho de Lisboa
entendam levar à prática.

Manipuladores de pão

O Sindicato dos Operários Manipulado-
res de Pão, que há dias protestou nas
colunas da *Batalha* contra as prisões e de-
portações de operários sem culpa formada,
ao ter conhecimento da prisão dos seus
associados José Castanheira Abrantes e
Miranda, protesta contra o procedimento
das autoridades pela forma como prend-
eram estes e outros operários inocentes.

Uma sessão de protesto em
Vila Nova de Gaia

VILA NOVA DE GAIA, 29.—O Núcleo
de Juventude Sindicalista distribuiu um vi-
brante manifesto à classe trabalhadora so-
bre as perseguições movidas pelo governo
de Vitorino Guimarães à classe trabalha-
dora e contra as deportações de operários
honestos, e convidando os trabalhadores a
acorrerem a uma sessão na sede do síndi-
cato dos Tanoeiros.

Aberta a sessão por J. Pedro Lourenço,

No entêrrão de Eduardo Brazão

houve um gesto popular
eloquente e comovedor

Num dia de sol, num ambiente de feste-
jo, num destes dias em que a natureza pa-
rece lembrar-se do povo e lhe oferece uma
tarde em que vive a alegria das antigas fes-
tividades pagãs, um grande artista desla-
va num carro funerário, ao encontro desse
panteão da glória, dessa veneranda deto-
ra das legítimas consagrações, que é a
trágica figura da morte, ao descerrar as
portas dum jazigo.

Eduardo Brazão, que nos últimos dias da
sua vida conheceu o abandono e sofreu a
afronta do coarçar de energias que não
sabiam respeitar a sua linda velhice, e a
aureola das suas noites de glória imorre-
douras, deveria ter sonhado muita vez com
essa hora de justiça, que é a hora em que a
foice gelada da morte corta as últimas at-
titudes dos mesquinhos, e leva os espíritos
ao silêncio onde a admiração se reveste de
pureza, o da redenção.

A morte nada conseguiu. Aqueles que
pelo seu contacto com a arte, aqueles que
personificados pela beleza, deveriam sentir a
saúde do companheiro morto, ao fim de
tantos anos de luta gloriosa; aqueles que
deveriam ter aprendido na arte, essa
pedagogia de sentimentos superiores, que
leva à isenção, que conduz à contrição
quasi mística, que é a genese das grandes,
das mercedas consagrações, deixaram que
Eduardo Brazão entrasse no jazigo, sem
que a sua alma tivesse conhecido aquela
sonhada compensação, aquela eternidade
nota de camaradagem e de beleza, que é a
única reparação ao abandono, ao calvário
a que são atirados todos aqueles que bus-
caram na arte a sua razão máxima de viver.

Os artistas, como se tivessem sentido aque-
la tarde de sol que era oferecida ao povo,<

M.elle ALEXIANE



PELA UNIDADE SINDICAL

Relatório da missão confederal junto da U. S. O. de Evora e dos sindicatos da mesma cidade

No Sindicato Metalúrgico

No dia 18, com Joaquim Candieira, da Federação dos Trabalhadores Rurais, parti para Souzela para assistir ao comício ali realizado no dia 19, regressando a Evora na madrugada do dia 20.

Neste dia, à noite, assisti à assembleia do Sindicato Metalúrgico. Logo na leitura da acta da assembleia anterior observei que havia sido aprovada a seguinte proposta: de que me autorizo com a aquiescência da assembleia:

Que se retire a cota (adesão) à União, não se pagando a mesma também a cotização em atraso sem que se modifique o situação e seja devidamente organizada.

Devo informar que nesta assembleia fez uso da palavra Joaquim Nogueira e da mesma fez parte, como metalúrgico e sindicalista, Francisco J. de Sousa, os dois elementos por causa dos quais foi rejeitada, por último, a Comissão Administrativa na União.

Quando aquela acta foi posta à apreciação eu fiz desde logo as apreciações seguintes: estranhava que quando era necessário fortalecer os organismos sindicais, e nomeadamente o sindicato metalúrgico, pois verificamos haver oficinas onde se faziam serviços prolongados, regime com o qual era necessário terminar—o que só o Sindicato, devidamente fortalecido, podia realizar—se aprovassem documentos daquela natureza. Verificava, além disso, que aquele documento encerrava uma flagrante contradição, pois desejando o Sindicato, com a aprovação daquela proposta, que a União se organizasse devidamente, negava-lhe, no entanto, o seu concurso moral e material, não só de futuro, mas, ainda mais, negava-se a satisfazer uma dívida livremente contraída—o que era imoral. Lamentei que camarádas conscientes como F. de Sousa e Joaquim Nogueira colaborassem em tal resolução, posto que nem uma palavra pronunciaram para repór as coisas no seu lugar, antes influram para que aquela decisão fosse tomada.

Depois da acta aprovada a assembleia reconsiderou, aprovando uma moção pela qual o Sindicato se mantém, com todos os encargos, aderente à União. Quando acabavam de ser aprovados os novos decalques à União, Francisco J. de Sousa, que estava presente, pretendeu impugnar a legalidade da assembleia, sob o pretexto que dos metalúrgicos presentes nem todos estavam no gozo dos seus direitos. Devô de já notar que esse camarada não só também não estava no gozo dos seus direitos, como nem mesmo sindicalista era já, pois que depois da assembleia de 3 de Março, aquela em que o Sindicato se desligou da União, declarou não voltar a pagar para o Sindicato.

João da Silva Monteiro, membro da comissão administrativa, estranhou a impugnação de F. de Sousa, quando é certo que a proposta para se retirar a adesão à União e da autoria dum indivíduo que também não estava no gozo dos seus direitos, pois durante o ano de 1924 não pagou quota alguma e em 1925 só pagou o mês de Janeiro. Observa-lhe ainda que de uma tal proposta satisfazia os seus fins de desmoralização sindical não couro de saber se a assembleia que a votava era ou não legal; mas agora, como se trata de organizar, já tudo lhe serve para a tal se opor.

Por minha parte intervim também na discussão. Vi os propósitos que não tenho dúvida alguma em classificar de vis e nefastos contra a organização por parte de F. de Sousa e procurei inutilizá-los. Por vezes, da parte daquele elemento, observei o uso de sofismas dignos apenas de quem está ao serviço do patronato e mantém o pior dos odios à organização sindical. Por tal motivo trouxe-se entre os dois a mais viva discussão, pela minha parte tendente a esclarecer baixos intuitos de desmoralização. A própria assembleia notou que o inspirador da proposta para que o Sindicato se retirasse da União foi o próprio F. de Sousa, especialmente quando aquele elemento a defendeu.

Aparte esta particularidade, a assembleia deste sindicato decorreu serena e proveitosa, ficando os seus militantes animados do melhor desejo de trabalhar para o revigoramento do sindicato.

A aprovação do relatório pela U. S. O.

No dia 21 reuniu de novo o conselho central da U. S. O., estando todos os organismos de Evora e Graça do Divor representados. Submetido à sua apreciação este relatório foi o mesmo plenamente confirmado e aprovado, depois de algumas leves rectificações, por meio da seguinte moção, aprovada por unanimidade:

«Tendo sido lido e apreciado por todos os delegados do conselho o relatório que deve ser apresentado à C. G. T. pelo seu delegado, Manuel Joaquim de Sousa; e considerando que aquele documento foi aclarado com rectificações em alguns lapsos, que continua—o conselho aprova e toma ne máxima consideração o mesmo relatório por corresponder em absoluto à verdade, como aprova igualmente o trabalho do delegado da C. G. T. realizado em Evora, por ser em tudo conveniente, conduzido com lógica e honestidade e absolutamente necessário. Mais resolve convidar a C. G. T. a publicar o mesmo relatório em A Batalha para conhecimento de toda a organização.»

Foi ainda definitivamente aprovada a seguinte comissão administrativa: João Gonçalves, secretário geral; Vitor Manuel Candieira, secretário adjunto; José Alberto, secretário administrativo; Francisco José Cascalho, tesoureiro, e António Joaquim Pato, arquivista.

Uma sessão pública

A U. S. O., deliberou realizar uma sessão pública, na qual fossem expostas as questões que vinham de ser debatidas e para esse efeito dirigiu um convite expresso ao proletariado de Evora.

Efectivamente, a 22 realizava-se essa sessão. O presidente declarou livre a tribuna, embora desde logo, a-pesar-do convite, ninguém se inscrevesse.

HORÁRIO DE TRABALHO

A União Fabril em foco

Uma fábrica de tecidos que encerra as suas portas para não respeitar o horário de trabalho

Veu ontem a esta redacção um numeroso grupo de operários e operárias da Fábrica de Tecidos da C. U. F. sita na rua do Rato, n.º 11, que nos contaram o seguinte:

Querendo a gerência por todas as formas obrigá-los a trabalhar 10 horas, o pessoal daquela fábrica constituiu-se em comissão, a qual foi junto dum director fazer sentir a opinião dos seus camaradas: trabalharem 8 horas, acabando com o truco do célebre subsídio, assunto que já largamente aqui tratámos, e aumentarem-lhes os exiguos ordenados.

De facto foram correctamente recebidos pelo director, mas como quem tudo dispõe é o *menino histórico*, este fez com que os operários fossem mais uma vez iludidos. Estes porém, fartos da miséria que invade os seus lares, resolveram num gesto digno de quem é verdadeiro trabalhador, lutar pelos seus direitos, dentro da ordem e da disciplina, dizendo que ao abrigo da lei não podiam ser obrigados a trabalhar 10 horas nem a consentirem que fizessem descontos nos seus salários, conforme caprichos de quem tudo quer e que só do produto do trabalho dos outros pode viver.

Em face disto, iniquamente resolveram os directores da C. U. F. encerrar a fábrica, estando agora os ditos operários na disposição de reclamarem junto dos poderes constituintes contra o abuso inqualificável que lhes fizeram.

Para maior afronta para aqueles operários, mandaram colocar um guarda-civico para policiar a fábrica, e cuja despeza estão os directores habilitados a fazer, mas para suavizar a miséria dos seus operários que a custa de muitos esforços contribuíram para o engrandecimento da fábrica, isso não podem fazer sem consultar o seu amo e senhor, Alfredo da Silva.

É justo que estes senhores, únicos causadores de tantas misérias se compenetrassem dos seus deveres e compreendessem que tudo quanto são e tem é a custa do pobre proletário, e que o *menino histórico* jamais dirá que hade reduzir o pessoal à fome, se fizessem nas 8 horas.

Pede-nos o mesmo pessoal para que daqui lhe lembremos a situação em que para lá entrou e a de hoje, quasi de burguês.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da C. Civil

Na reunião da comissão administrativa apreciou-se o regulamento do horário de trabalho.

Resolveu-se fazer por manter o horário de oito horas, promovendo conferências nos sindicatos e secções sindicais sobre o assunto, sendo a primeira a efectuar na U. S. O. Civil de Lisboa, para o que foram convidados os operários que fizeram parte da Comissão de Revisão e Compilação da Legislação Social.

Indústria do conservas em Portimão

PORTIMÃO, 30.—Nas fábricas de conservas de Portimão não é o regulamento do horário de trabalho cumprido, a-pesar-da enorme crise na indústria existente.

A assembleia geral do respectivo sindicato, ontem rednida, tomou sobre o caso resoluções.—E.

Em Monchique

PORTIMÃO, 30.—Em Monchique e Caldas de Monchique, uma boa parte dos operários, nas várias indústrias, não cumpre o horário de oito horas, muitos havendo que trabalham do nascer ao pôr do sol.

É bom que eles reparem na enorme crise de trabalho em todas as indústrias e pensem no erro que estão cometendo.—E.

Caixoteiros

Grande parte dos operários caixoteiros respeita o horário normal de trabalho.

Em virtude, porém, de numa oficina da Travessa da Espera, 43, outra na Rua dos Alamos, e em outras ainda se trabalhar 10 horas por dia, os restantes patrões querem impor esse horário aos que pretendem cumprindo o de oito horas.

É necessário que não sejam os próprios operários a dar ao respeito dos seus legítimos direitos.

Na fábrica de tecidos de Barros & Santos

Na quarta-feira, dia em que entrou em vigor o regulamento do horário de trabalho, aqueles industriais respeitaram o horário, pois que até ali o horário era o seguinte: entrada às 7, uma hora para comer e saída às 18, sendo nesse dia o horário das 8 às 17. Chegando a sábado estes senhores quiseram desmentar nas férias duas horas de jornal no que não consentiu o pessoal não recebendo as férias.

Os proprietários, ontem, depois da entrada do pessoal comunicaram-lhe que ficaria a trabalhar descontando-lhe no salário as duas horas, o que o pessoal não aceitou. Por esse motivo fechou a fábrica encerrando-se o pessoal numa greve forçada.

O pessoal continua sem receber as férias.

Manipuladores de Pão

Para tratar dum assunto inadiável e do horário de trabalho, convidou-se a comissão de melhoramentos e todos os militantes da classe a reunir com a direcção amanhã, às 12 horas em ponto.

Empregados de Escritório

Realiza-se hoje, na Associação dos Empregados de Escritório, rua da Madalena, 225, 1.ª, uma sessão magna para elucidar a classe na interpretação a dar ao Regulamento do Horário de Trabalho ultimamente publicado.

Francês sem mestre por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 páginas 15\$00

Pelo correio 16\$50.

Pedidos à administração de «A Batalha».

O II Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores

Relato circunstanciado das sessões celebradas em Amsterdão

Continuação da segunda sessão

Carbó, Espanha, é de opinião que não devemos perder a possibilidade de acordo com os I. W. W. pela simples razão de que não compartilham com todas as nossas ideias e tática não estamos de acordo. Adentro da C. N. T. de Espanha também se encontram comunistas, com cujas ideias e tática não estamos de acordo. No entanto não os expulsamos da organização. Devemos agrupar-nos fortemente e como é essa a nossa opinião, tampouco expulsamos os comunistas que em 1921, quando os nossos melhores camaradas estavam em prisão, conseguiram tomar a seu cargo a direcção da C. N. T.

Silva Campos, Portugal, declara que também a C. G. T. não expulsa do seu seio aqueles que não estão completamente de acordo com ela; devemos concretizar a propaganda das diferentes formas de tática e as suas vantagens ou desvantagens. Em Portugal os comunistas semeiam a confusão, mas não os expulsamos porque isso teria dado margem a atitudes mais irredutíveis. Há que distinguir entre operários e militantes e devemos esforçar-nos para que os operários compreendam que o socialismo do Estado não poderá nunca realizar a sua emancipação. A A. I. T. deve opor-se à propaganda derrotista dos seus adversários com a firmeza de carácter e a honestidade dos seus defensores e partidários.

Kater pede que se discuta a exposição do secretariado. A propaganda nos diversos países ainda não pode ser tratada. Borghi manifesta-se contra as manifestações das camaradas sul americanas que são de opinião que a secção italiana dos I. W. W. não se importa com a A. I. T. Na realidade aquela está de acordo e simpatiza cordalmente com a nossa Internacional.

Não fim da sua exposição Soucy observa que a conferência de Innsbruck decidira publicar em espanhol a revista da A. I. T. A edição em francês e inglês encontram grandes dificuldades. A revista espanhola foi postergada e quando apareceu um número duplo produziram-se acontecimentos da fronteira franco-espanhola, que dificultaram o envio da revista. Uma parte da edição foi confiscada pelo governo espanhol.

O orador pergunta se a A. I. T. deve contentar-se em fazer propaganda nos países em que já está representado o sindicalismo revolucionário, ou se não seria bom que a A. I. T. trabalhasse também nos países em que o nosso movimento ainda é desconhecido. O orador defende este último caso. A publicação do serviço de imprensa em idioma inglês é necessário sob esse ponto de vista. Se é certo que os serviços da imprensa enviados à Índia estão expostos à confiscção, no entanto a ques-

ção não deve ser considerada como superflua. Propõe que se adopte com respeito aos I. W. W. outra tática diferente à seguida até agora. Devia-se exortar as secções italiana, russa e sueca dos I. W. W. a aderir a A. I. T. Isso não significaria uma scisão a dentro dos I. W. W. pois as secções poderiam continuar fazendo parte da organização norte-americana.

No que diz respeito às relações do secretariado com a União Sindical Argentina, o orador diz que esta organização se dirigiu uma vez, por carta, à A. I. T., e que o secretariado lhe respondeu, e nada mais. Não houve outras relações entre a U. S. A. e a A. I. T.

Santillan pede ainda a palavra para uma breve obsevação e diz que hoje se chegou, geralmente, à conclusão de que não podemos contar com a França, no que se refere à A. I. T. Se o secretariado tivesse seguido desde princípio outra tática menos temporizadora e tivesse feito esforços para fomentar claramente, há dois anos ou mais, uma organização própria nesse país, a situação do movimento operário francês seria outra. Não devemos criar nos Estados Unidos uma nova França e, por outro lado, as organizações aderentes à A. I. T. na América devem reservar-se o direito de agir como lhes pareça oportuno, sem se sentirem limitadas pela tática, aceitável ou não, que o congresso resolveu aprovar.

Santillan, pela comissão de fiscalização, apresenta a seguinte moção de louvor ao tesoureiro da A. I. T.:

«No decurso do período de actividade, desde janeiro de 1923 até março de 1925, foi examinada, pelos abaixo assinados, a tesouraria da A. I. T., e sempre foi encontrada em boa ordem. Propomos, pois, por escrito, já que não podemos aparecer pessoalmente ao congresso, para que seja aprovado um voto de louvor à actividade do tesoureiro, o camarada Franz Barwich. Pela comissão de fiscalização: Th. Schuster, Aug. Reichenbach.—Berlín, 3 de março de 1925.»

Kater propõe que se aprove o louvor do secretariado. Com respeito à diversidade de opiniões sobre os I. W. W. deve ser tomada uma resolução a fim de que o secretariado saiba como deve agir para o futuro.

Põe-se à votação o louvor à actividade do secretariado e do tesoureiro, o que resultou unanimemente favorável.

Kater, como presidente, informa que existem sobre vários pontos resoluções escritas que podem ser tidas em conta pelos delegados.

Carbó deseja que se dêem informações verbais sobre o movimento nos diversos países como complemento das informações escritas. Essa proposta é rejeitada.

Tribunal de Arbitros Avidores

Reuniu este tribunal em audiência de conciliação sob a presidência do juiz sr. Humberto Párgo, tendo como árbitros patronais os srs. Teodoro Pombal e António Ribeiro Cardoso e pela pauta operária José Joaquim de Almeida e Manuel Maria de Sousa, os quais conseguiram conciliar as seguintes causas: de escritório de João Pimarra, Limitada, em 300\$00; José Soromenho Barbosa, ex-empregado de escritório da Sociedade Lusitana de Comércio, Limitada, em 268\$20; Albino Alves Dinis, ex-empregado de escritório de João Raposo Beirão, em 80\$00; João Eduardo dos Santos e Silva, ex-empregado de escritório de H. Zum Hingste, em 58\$30; Afonso Igrejas, ex-aprendiz de Erminio Octaviano dos Santos, em 11\$65; Maria de Jesus Pinto, criada de servir de Justina Emilia Gonçalves, em 20\$00; António de Abreu, ex-contínuo do jornal «As Novidades», em 15\$00; tendo ficado para julgamento o processo de Leopoldo Nunes, contra o «Diário da Tarde».

CONFERENCIA

“O valor da literatura portuguesa”

O dr. sr. Sá Oliveira realiza hoje, pelas 21 horas, na secção da Universidade Popular instalada no Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército, Campo de Santa Clara, 87, 1.ª, uma conferência sob o tema «O valor da literatura nacional». A entrada é pública.

Universidade Popular Portuguesa

Tendo sido levantada a suspensão de garantias, recomençamos na presente semana, na sede da central e nalgumas das suas secções, as conferências e curso que estiveram interrompidos por aquele motivo. Amanhã realiza-se na sede uma sessão cinematográfica, destinada aos sócios e suas famílias, devendo efectuar na próxima sexta-feira uma conferência no mesmo local o dr. sr. João do Couto, sob o tema «A arte portuguesa depois do reinado de D. Manuel».

A cura das doenças pelas Plantas

3.ª edição—Preço 2\$00, pelo correio 2\$50. Pedidos à administração de «A Batalha».

Suplemento semanal ilustrado de “A Batalha”

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonzo, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 4\$500.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de «A Batalha».

Vida Sindical

CONVOCAÇÕES

Federação do Livro e do Jornal.—O conselho federal pelas 21 horas, a direcção.

Chaufeurs do Sul.—Pelas 20 horas, a assembleia geral em continuação da de 23 de Fevereiro, reunindo e deliberando com qualquer número de sócios, para apreciar o parecer da Comissão de Sindicância aos actos da Comissão de Defesa e Melhoramentos.

DIAS PRÓXIMOS:

Fragateiros do Porto de Lisboa.—Reúne amanhã, pelas 18 horas, a direcção.

SINDICATOS DA PROVINCIA

União dos Sindicatos Operários do Porto.—Reúne este organismo local com a seguinte representação: Metalúrgicos, Construção Civil, Têxteis do Porto e Gaia, Curores e Peles, Mobiliário, Litógrafos, Empregados no Comércio, Gráficos, Confeiteiros, Jardineiros, Farmacêuticos, Chauffeurs, Artes de Viação, Marítimos da Foz do Douro, Manipuladores de Tabacos e Mocos de Fretes.

E lido um officio da Associação de Classe dos Enfermeiros de ambos os sexos solicitando da União todo o seu concurso para se conseguir a proibição terminante do uso e venda de todo o fogo de dinamite. Consideradas as razões humanitárias que os enfermeiros alegam para a campanha tendente à eliminação dos chamados morteiros, que tanto prejudicam os doentes e tantas vítimas causam com os desastres sucessivos, o Conselho Federal resolve apoiar a acção daquela classe em tal sentido, visto que aquela bombástica forma de ruidosa festividade pode ser substituída por outras de maior efeito e de melhor gosto.

Trata-se novamente das iniquidades que o governo está praticando contra operários honestos, ficando resolvido ampliar a comissão de agitação, atendendo também à necessidade de representação nas sessões de protesto que as variadas classes estão a realizar contra as «franquistas» deportações de militantes da organização operária.

Felisberto Baptista, referindo-se a uma acusação que o jornal A Internacional fez contra a U. S. O., declara que a comissão do 1.º de Maio procedeu muito libertariamente concedendo que delegados de várias tendências tomassem parte no comício.

João Silva, historiando largamente o que se passou no comício, diz que ele, como presidente da comissão, tinha que fazer cumprir as resoluções da mesma comissão do 1.º de Maio. Quanto às acusações boladas em A Internacional, reputa-se falsas: os documentos não foram entregues à policia como se insinua, tem-nos, em seu poder.

Ouvidas as explicações de Joaquim Silva, Felisberto Baptista entende que a U. S. O. deve repudiar as afirmações, por falsas, contidas em A Internacional.

Miguel Moreira confirma as considerações de Joaquim Silva. Contra as falsas afirmações de A Internacional, da autoria de José Silva, manufacturador de calçado, o seu sindicato também se vai pronunciar.

Saúl de Sousa não podia ficar calado perante tão vergonhosa noticia. A comissão, sendo da Organização Operária e não política, cumpriu com o seu dever. Já muito fez ela em ter permitido que faliasse dois comunistas, como prova de tolerância. Envia para a mesa a seguinte moção:

«Considerando que alguém, com intuitos malevolamente reservados, vem, desde há tempos, procurando estabelecer a confusão no seio da Organização Operária para dessa maneira insólita, melhor conseguiu os seus objectivos tendenciosos;

Considerando que se aos delatores de tão falso estofo se deve, única e simplesmente, responder com o mais formal desprezo, calúnias há, contudo, que não podem passar sem a nossa mais veemente repulsa e mais indignado protesto publicamente formulados, tal a gravidade da difamação;

Considerando que o quinquenário A Internacional, de Lisboa, caluniana no seu n.º 39 e em reportagem do comício efectuado no Porto no dia 1 de Maio, a União dos Sindicatos Operários; o Conselho Federal da U. S. O., do Porto, apreciando a local publicada no referido jornal, e depois de ouvidas as considerações feitas pelo camarada que presidiu ao aludido comício, resolve:

1.—Repudiar inteiramente a insidia lançada contra a U. S. O., pelo jornal A Internacional;

2.—Aprovar a atitude da Comissão promotora do comício—Os delegados do S. Unico Metalúrgico, Saúl de Sousa, Mário de Carvalho e Filinto Elísio de Almeida.

João Gonçalves protesta também contra o facto de A Internacional, no mesmo n.º 39, ter feito ataques contra a C. G. T.

Felisberto Baptista declara que se o Sindicato não pode imiscuir-se em actos puramente individuais, isso não quer dizer que não possa chamar à ordem aquele camarada citado (José Silva), para que não ataque a organização operária.

A moção é aprovada por unanimidade, encerrando-se a sessão às 24 horas.

JUVENUTDES SINDICALISTAS

Federação.—Comitê Federal.—Continua em reunião permanente devendo hoje serem presentes os resultados das demarches de que foram encarregados vários delegados.

Núcleo de Lisboa.—Reuniu ontem extraordinariamente o Secretariado Central que tomou várias resoluções, resolvendo igualmente continuar em sessão permanente com a presença dos delegados das secções.

ACABA DE APARECER:

Revolução em Portugal

Comunista? Socialista? Libertária? Sindicalista?—Coligação das esquerdas—A transformação da República.

POR CAMPOS LIMA

Edições SPARTACUS Preço 6\$00